

VULNERABILIDADES NAS PERIFERIAS DE VITÓRIA E VILA VELHA/ES

VULNERABILITIES IN THE OUTSKIRTS OF VITÓRIA AND VILA VELHA/ES VULNERABILIDADES EN LAS ALREDEDORES DE VITÓRIA Y VILA VELHA/ES

Tiago Marinho Da Silva Martins

Resumo

Este estudo teve por objetivo conhecer formas de enfrentamento de vulnerabilidades de jovens vinculados à arte de rua (com ênfase na poesia), nas comunidades periféricas de Vitória e Vila Velha - ES. Como parte fundamental da pesquisa foram entrevistados cinco jovens de periferias das cidades citadas anteriormente. A poesia isoladamente, não é um fator protetivo contra a vulnerabilidade, evidenciando a necessidade de implantar projetos que ajudam a criar novas perspectivas em jovens em situação periférica. Eles contam o processo da poesia em suas vidas e como a vulnerabilidade foi ou não um fator que os prejudicou. Também comentam sobre o que os leva para um caminho diferente do uso abusivo de drogas e do tráfico, além de terem compartilhado suas visões sobre direitos e vulnerabilidade social. Demonstram ser jovens socialmente habilidosos e evidenciaram um grande fator de resiliência frente as vulnerabilidades, fator este que se repete na fala de todos estes jovens.

A pesquisa foi realizada em duas sessões: a primeira, em setembro de 2019, e a segunda, em setembro de 2020, em contexto de pandemia, realizada online com a participante.

Palavras-chave: Marginalização; Educação; Vulnerabilidade social.

Abstract

This study aimed to know ways of coping with the vulnerabilities of young people linked to street art (with emphasis on poetry), in the peripheral communities of Vitória and Vila Velha - ES. As a fundamental part of the research, five young people from the periphery of the cities mentioned above were interviewed. Poetry alone is not a protective factor against vulnerability, highlighting the need to implement projects that help create new perspectives for young people in peripheral situations. They tell the process of poetry in their lives and how vulnerability was or was not a factor that harmed them. They also comment on what leads them to a different path from drug abuse and trafficking, in addition to sharing their views on rights and social vulnerability. They demonstrate to be socially skilled young people and showed a great resilience factor in the face of vulnerabilities, a factor that is repeated in the speech of all these young people.

The survey was carried out in two sessions: the first, in September 2019, and the second, in September 2020, in the context of a pandemic, carried out online with the participant.

Keywords: Marginalization; Education; Social vulnerability.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo conocer formas de enfrentamiento de las vulnerabilidades de los jóvenes vinculados al arte callejero (con énfasis en la poesía), en las comunidades periféricas de Vitória y Vila Velha - ES. Como parte fundamental de la investigación se entrevistó a cinco jóvenes de la periferia de las ciudades antes mencionadas. La poesía por sí sola no es un factor protector contra la vulnerabilidad, destacando la necesidad de implementar proyectos que ayuden a crear nuevas perspectivas para los jóvenes en situaciones periféricas. Cuentan el proceso de la poesía en sus vidas y cómo la vulnerabilidad fue o no un factor que los perjudicó. También comentan qué los lleva a un camino diferente al del abuso y tráfico de drogas, además de compartir sus puntos de vista sobre los derechos y la vulnerabilidad social. Demuestran ser jóvenes socialmente hábiles

y mostraron un gran factor de resiliencia frente a las vulnerabilidades, factor que se repite en el discurso de todos estos jóvenes.

La encuesta se realizó en dos sesiones: la primera, en septiembre de 2019, y la segunda, en septiembre de 2020, en el contexto de una pandemia, realizada en línea con el participante.

Palabras clave: Marginación; Educación; Vulnerabilidad social.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado pela diferença de raça e de classe, o que materializa, de forma direta, as desigualdades sociais e as situações de vulnerabilidade que atingem significativas parcelas da população. A vulnerabilidade social refere-se: “aos indivíduos e às suas suscetibilidades ou predisposições a respostas ou consequências negativas” (Janczura, R. 2012 P. 302). Ou seja, reações negativas a prejuízos sociais vividos por uma parcela da sociedade.

As desigualdades sociais, que aumentaram de forma abismal num contexto pandêmico dificultam a qualidade de vida de uma parcela da sociedade que tem cor, classe, CEP e escolaridade definidas. Essas desigualdades atingem essas pessoas no âmbito da renda, da econômica, no acesso à educação, à cultura, à inserção profissional e etc.

Assim, vulnerabilidade social e exclusão são faces da mesma moeda. Sabemos que “a exclusão é a negação da cidadania” (SPOSATI, 1999, p. 3) e que as políticas públicas já existentes não estão conseguindo atender as demandas sociais. Queremos, com esse trabalho, evidenciar formas de enfrentamento às vulnerabilidades, por meio das artes, especialmente a poesia de rua.

O enfrentamento de vulnerabilidades sociais com o auxílio das artes representa um campo potencial a ser explorado pela educação formal e não formal, pois busca contribuir com novas formas de expressão e autonomia de jovens que vivem nesta situação, além de desenvolver habilidades que podem auxiliá-los em suas perspectivas futuras. Esta área tem um vasto campo de possibilidades, já que existe na arte de rua outros elementos de expressão que podem ser explorados frente às vulnerabilidades. No geral, trabalharemos com as ideias de expressões artísticas, resistência e luta social.

A importância pessoal deste trabalho se dá pelo fato do autor morar numa comunidade periférica na região metropolitana de Vitória, Espírito Santo (ES), região socialmente vulnerável. Ao longo de minha formação, numa universidade pública, muitos amigos e vizinhos me perguntavam: “Quanto você paga para estudar na UFES?”. Por muitas vezes fui taxado como alguém diferente, sendo considerado extremamente inteligente por estudar numa “faculdade de rico”, como disse minha mãe quando ingressei no vestibular.

Essas afirmações e perguntas sempre soaram de forma incômoda, pois aprendi na própria universidade que este ambiente é público e democrático, assim pude compreender que outras pessoas e jovens da minha comunidade podem e devem frequentá-lo enquanto pertencentes de um espaço de direito. A falta desse entendimento por parte de meus colegas de bairro impulsionou-me a estimular outros jovens para que busquem caminhos novos e possíveis, enfrentando os prejuízos sociais por eles vividos.

Este estudo teve por objetivos: 1) conhecer formas de enfrentamento de vulnerabilidades de jovens vinculados à arte de rua nas comunidades periféricas de Vitória e Vila Velha – ES; 2) investigar como esses jovens enxergam temas como formação e ensino superior, vulnerabilidade social e direitos e 3) compreender como enxergam sua relação com a poesia e verificar se a poesia ou *slam* são fatores protetivos contra as vulnerabilidades. De forma geral, a arte de rua está presente na vida de muitos jovens e, muitas vezes, é utilizada para expressar diversos sentimentos, entre eles a revolta e/ou para fazerem críticas sociais. O uso dessa arte é um fator de grande importância na autonomia deles.

A arte de rua, ou movimento *Hip Hop*, surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 1960, unindo práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas dos grandes centros urbanos. O movimento é constituído por três linguagens que são os elementos centrais: a linguagem artística da música (*Rhythm and Poetry - RAP*, pelos rappers e DJ's), a linguagem da

dança (o *break*) e a linguagem da arte plástica (o *graffiti*).

No Brasil do final dos anos 1980 o movimento *Hip Hop*, especialmente o *Rap*, tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização social e conscientização política, desse modo muitos grupos de *rappers* foram criados, ocupando um espaço de articulação e atuação no campo social, para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho e para lutar contra a violência e a discriminação (MAGRO *et al.*, 2002). Tais manifestações artísticas deram origem a outros grupos e modalidades artísticas com o mesmo objetivo, como o *Poetry Slam*.

O *Poetry Slam*, ou simplesmente *slam*, pode ser definido de diversas maneiras: uma competição de poesia falada (diferenciando-se do rap, que é uma expressão cantada da poesia), um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas (D'ALVA, 2011). Também pode ser definido como uma:

“[...] celebração comunitária, ou também um espaço privilegiado de experimentação artística para a poesia falada (*spoken word*), gênero de poesia também nascido nos Estados Unidos na década de 1980, ligado ao movimento hip-hop” (STELLA, 2015, p. 3).

O *Poetry Slam* não é somente um espaço de entretenimento, também é um espaço de debate social, de resistência e de expressão, podendo ser visto até com uma perspectiva profissional por alguns de seus participantes. Os debates poéticos trazem reflexões e críticas sociais que chamam a atenção para a possibilidade do *slam* ser um fator protetivo às vulnerabilidades, pois possibilita os jovens discutirem, de forma artística, seus direitos sociais.

As características presentes no *Poetry Slam* corrobora com o que apontam Calais e Goulart (2017, p. 65) ao afirmarem que: “[...]quando favorecemos o jovem a reconhecer os seus direitos, despertamos nele a sua posição como cidadão, o que pode levá-lo a atuar como protagonista e agente de transformações positivas da sua realidade social [...]”. A autonomia e o empoderamen-

to gerados por esse movimento possibilitam questionamentos sobre temas como marginalização, exclusão, discriminação, vulnerabilidade, entre outros e auxilia nas perspectivas futuras desses jovens. Nesse sentido, o empoderamento (BERTH, 2019) é a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência, colaborando para que a mudança de ótica e perspectiva também gere ações de transformação coletiva.

2. METODOLOGIA

Participaram deste estudo cinco jovens residentes nas cidades de Vitória e Vila Velha/ES, sendo quatro meninos e uma menina. A seleção dos participantes se deu pelo vínculo com a escrita e a poesia de rua. Foram convidadas pessoas de três grupos de poesia, dos quais cinco estavam disponíveis para participar da pesquisa, nos dias em questão. Apenas uma menina aceitou o convite e/ou estava disponível para participar, mas nos três grupos existem meninos e meninas. Este estudo teve caráter qualitativo e exploratório, utilizando-se de técnicas de roda de conversa e entrevista semiestruturada.

As rodas de conversa são discussões dentro de uma temática direcionada na qual os participantes podem apresentar seus questionamentos, sendo que a fala de uma pessoa instiga a outra, levando a um rico diálogo, no qual é possível se posicionar e ouvir a posição do outro. O objetivo das rodas de conversa é gerar um ambiente onde os participantes se sintam inseridos e queiram contar suas experiências com a temática proposta. Objetiva também a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida (FIGUEIRÊDO; QUEIROZ, 2012). O campo de pesquisa está relacionado com a educação formal quando relacionado às técnicas de escrita, jogo de palavras feitos na poesia, além de criarem um projeto que leva a prática para a escola, na qual eles recitam e ensinam a escrita, as rimas, as expressões presentes no gênero textual. Também está relacionado ao

campo da educação não formal por aprenderem e também desenvolverem a prática em ambientes não formais de educação.

O levantamento de dados se deu em dois momentos. O primeiro, utilizando-se da roda de conversa com quatro jovens de duas comunidades periféricas de Vitória/ES. O segundo, através de uma entrevista semiestruturada com uma jovem da cidade de Vila Velha/ES. De acordo com os marcadores de auto-definição Étnico Racial do IBGE, tendo como categorias ‘Preto’, ‘Branco’, ‘Pardo’, ‘Indígena’ e ‘Amarelo’, os participantes se declararam: Fernando Abreu, Matheus Oliveira e Eliza de Souza – Pretos; Igor Mattos e Thomas Mattos – Brancos.

As categorias discutidas nas rodas de conversa e na entrevista foram divididas em:

1. Apresentação: indagamos temas como idade, escolaridade, religião, com quem mora, a importância dos estudos, trabalho e universidade;

2. A contribuição da poesia: discussões sobre por que fazer poesia, mudar o mundo e como se tornaram poetas;

3. Vulnerabilidades sociais: no qual tratamos assuntos que dizem respeito a preconceitos, trajetórias de vida e direitos;

4. Resiliência e família.

Em cada categoria foram abordados assuntos sobre o porquê de se fazer poesia, a visão sobre direitos, preconceitos e posicionamento social. Os resultados da roda de conversa e da entrevista semiestruturadas não são apresentados de forma única, tendo em vista a universalidade do assunto proposto. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento, concordando com o objetivo da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da primeira roda de conversa em setembro de 2019, quatro jovens com idade

entre 18 e 21 anos, do sexo masculino, vinculados a um coletivo de poesia com raízes no *slam* e residentes dos bairros da Penha e Consolação, no município de Vitória. Da segunda coleta de informações participou uma jovem, poetisa, negra, residente do bairro Interlagos, em Vila Velha, segundo ela “na parte dos pobres”. Os nomes aqui apresentados são fictícios, a fim de proteger a identidade dos participantes.

4.1 APRESENTAÇÃO

Igor (18) e Thomas (18) são irmãos e ainda cursavam o Ensino Médio, preparando-se para o vestibular através de um cursinho do qual ganharam bolsa em um processo seletivo. Fernando (21) e Matheus (20) já haviam concluído o Ensino Médio e disseram estar se preparando para o vestibular, porém, de forma independente. Eliza (21) está cursando Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo. Três deles moram somente com a mãe, exceto Fernando e Eliza que têm a presença do pai e da mãe em casa. Quando indagados sobre religião, percebemos uma relativa diversidade religiosa a saber: Igor, Thomas e Eliza se declararam cristãos evangélicos. Matheus disse não ter nenhuma religião e Fernando afirma ter uma junção de todas as religiões, seguindo o que ao seu ver é bom em cada uma e acreditando que deve-se fazer o bem.

4.2 SOBRE FORMAÇÃO E ENSINO SUPERIOR

Ao serem perguntarmos sobre escola e estudos e se gostariam de fazer faculdade, chamou atenção a seguinte fala de Fernando:

“Na verdade, eu não tenho um plano específico, uma faculdade específica, só quero entrar na faculdade, por causa da minha mãe”. (FERNANDO, 2019)

Matheus reafirma o discurso de Fernando quando diz:

“Eu pensei de fazer Pedagogia ou Cinema, mas é essa também, só quero entrar por família”. (FERNANDO, 2019)

A partir dessas falas senti a necessidade de perguntar se, numa perspectiva pessoal eles

achavam que ter uma faculdade era importante para a vida deles ou não. Matheus destacou que seu desejo sempre foi ser poeta e que ser poeta não demanda cursar uma universidade, mas os familiares e conhecidos sempre questionam a incerteza financeira que os artistas têm. Embora reconheça a importância do ensino universitário, Matheus deixa transparecer a possibilidade de perder sua autenticidade e liberdade. Ele argumenta que:

“[...] a faculdade é importante, mas a gente também deve deixar as pessoas serem pessoas, ser o que elas quiserem ser, e sem esse lance de impor o que as pessoas devem ser”. (MATHEUS, 2019)

Já Fernando afirma que depende do momento em que vive, evidenciando necessidade financeira; também afirma depender do plano que ele tem para seu futuro. Evidenciou que o seu desejo é fazer com que a poesia se torne sua profissão, considerando cursar uma faculdade, enquanto algo importante a longo prazo:

“Meu plano é tentar fazer a poesia virar meu ganha-pão; eu não enxergo como uma faculdade pode me ajudar agora. [...] Se eu pensar em curto prazo eu não acho isso importante, mas se eu pensar a longo prazo eu acho muito importante fazer uma faculdade”. (FERNANDO, 2019)

Com esta fala percebe-se que Fernando não enxerga o Ensino Superior como uma forma de enriquecimento de seus conhecimentos e aperfeiçoamento de suas poesias; a faculdade está atrelada somente à busca de uma profissão que para ele não se relaciona com a poesia. Gohn (2014, p. 65) diz que a mobilização social pode ser um grande fator para a mudança de perspectiva de alguns jovens, tendo em vista que:

“Refere-se a ativações que visam mudança de comportamentos ou adesão a dados programas ou projetos sociais. Mobilização social, nesta acepção, envolve uma série de processos que objetivam mudança de comportamento, aquisição de novos valores, acesso a meios de inclusão social etc”.

Muitos jovens no país podem não enxergar o ensino superior como um trampolim para o crescimento, ou mesmo não se sentirem pertencentes a este espaço. Gohn (2014) quer evidenciar

que a mobilização social tem potência para ser um grande fator de mudança de perspectiva, levando os jovens a enxergarem a ascensão a universidade, entre outros espaços como um lugar de direito e de progressão de carreira ou estudo. Essas mobilizações sociais podem ocorrer em diversos espaços como: na escola pública local, projetos sociais, ou até mesmo com informações passadas em eventos sociais.

Fernando também afirma a vulnerabilidade de sua situação financeira, evidenciando na sua fala que mesmo com Universidades Federais, programas como PROUNI e FIES, o acesso ao ensino superior parece ainda distante em sua visão. Acerca disso Sarmiento (2006) diz que:

“É preciso corrigir a desigualdade econômica entre as raças no Brasil, ampliando o acesso dos negros ao mercado de trabalho, ao ensino superior e a outros bens socialmente valorizados, mas é essencial também promover os seus direitos culturais, valorizando seus símbolos e heróis e combatendo as ações que reforcem estigmas e preconceitos enraizados na sociedade” (SARMENTO, 2006, p. 62)

A desigualdade econômica entre raças no Brasil precisa ser corrigida, levando em consideração de que as responsabilidades financeiras de um jovem negro e de baixa renda tendem a começar mais cedo, visto que sua família necessita muitas vezes de que o jovem trabalhe para complementar a renda.

Eliza, por sua vez, expõe que fazer uma faculdade é um sonho pouco alcançado entre os membros de sua família e que à sua geração, ou seja, ela, seus irmãos e primos, tiveram mais possibilidades de chegar ao ensino superior do que seus pais e avós. Eliza afirmou que sua mãe foi a primeira, entre os irmãos, a terminar o Ensino Fundamental e, posteriormente, já tendo família, formou-se em Gastronomia. Apesar do contexto favorável que é ter uma mãe formada, tendo o apoio e incentivo que tem, Eliza disse:

“Também vejo como um desafio, porque é muito difícil estar na faculdade e ser de baixa renda. Muitas vezes teremos que trabalhar para poder se manter; não tem essa opção de só estudar”. (ELIZA, 2020)

Ela ressalta, nesta fala, que apesar de chegar ao ensino superior, manter-se lá e finalizar o curso é um grande desafio, consolidando a fala de Fernando. No Brasil, sabe-se que há políticas

públicas voltadas à permanência de estudantes de baixa renda no Ensino Superior, mas sabe-se também que muitas delas foram minguando devido a cortes de investimento na Educação.

Matheus e Fernando não veem a poesia somente como forma de expressão, mas também como profissão, como uma atividade que poderá lhes garantir o sustento. Não se consideram desempregados, pois conforme afirmam, são poetas. Ambos estão cientes da importância do estudo e da universidade, enxergando-a como um elemento para alcançar uma profissão. Porém, escolheram a poesia como forma artística de expressão e de profissão: “mesmo que o dinheiro demore a chegar”, evidenciou Fernando.

Matheus ainda destaca ter demorado a saber o que era uma universidade e que talvez tenha começado a entender seu significado durante o ensino médio, quando foi transferido da escola da comunidade onde morava para outra escola, de fora de sua comunidade. Segundo ele, “para uma escola boa”, na qual os professores faziam maiores cobranças e incentivavam o acesso à universidade. Destacou que inicialmente não sabia o que seria a universidade, quais cursos poderiam ter, como fazer uma redação, dentre outras questões relacionadas ao mundo acadêmico. No seu entendimento, o futuro de jovens como ele já estava traçado: terminar o ensino médio e procurar trabalho.

Além de denunciar que jovens da periferia, geralmente, não conhecem a universidade ou não se veem no direito de acessá-la, Matheus ainda afirma não ter tido, até pouco tempo, a informação de que a UFES é uma instituição pública e que poderia se tornar um estudante universitário sem a necessidade de pagar mensalidades, como ocorre nas faculdades particulares. Vislumbrar o ensino superior e frequentar outros espaços de formação, especialmente o de formação acadêmica, parece algo distante para esses jovens. Embora sejam sensíveis e talentosos, alçar voos para além dos seus limites sócio-geográficos parece não estar no radar deles. Percebe-se através da fala de Matheus que as informações sobre o ingresso em uma universidade pública demoraram um pouco para chegar até ele, o que pode prejudicar diretamente suas perspectivas. Isso merece atenção de

estudos futuros, no sentido de: o que aconteceu para que Matheus não tivesse ciência de que existe uma universidade pública em sua cidade? Quais ferramentas são necessárias para que jovens de comunidades periféricas tenham acesso imediato a este tipo de conhecimento?

Pagar por uma educação superior é algo distante dos jovens da periferia, sendo essa compreensão também afirmada por Igor. Nesse sentido, a marginalização social causa grandes prejuízos na vida de muitos jovens em situação de vulnerabilidade, a ponto de não saberem ou demorarem a entender o que é uma universidade pública e que podem acessá-la. Essa falta de informação pode distorcer a visão desses jovens em relação à universidade e às demais instituições educacionais públicas, levando-os a acreditar que aqueles espaços não são seus. Desconhecer direitos básicos, enquanto cidadãos, contribui para impedi-los de avançar em muitas áreas de suas vidas.

Essas declarações nos conduzem a uma reflexão sobre a universidade e a democratização de acesso ao ensino superior. No Estado do Espírito Santo existem propagandas na televisão aberta para vestibulares, programas do governo federal, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), entre outros, além de divulgação de cursos em faculdades particulares. Porém, não se encontra em nenhum desses comerciais informações sobre a UFES, o que pode levar as pessoas em situação de vulnerabilidade a acreditarem que a universidade não é um espaço público ao qual tenham direitos.

Conforme expõem Prestes, Jezine e Scocuglia (2012, p. 208), “[...] o privilégio de entrada nas universidades tradicionais, nos cursos mais concorridos, continua sendo resguardado para as pequenas parcelas privilegiadas da população”. Desse modo, a falta de divulgação de informações sobre a nossa universidade federal contribui para que um pequeno grupo de pessoas privilegiadas tenham acesso ao ensino superior, muito embora saibamos que este não é o único fator. Essa não divulgação de uma instituição educacional, pública e gratuita é algo nocivo para as camadas populares.

4.3 SOBRE O PROCESSO DE SE TORNAR POETA/POETISA

“Eu me descobri [...]”, assim Igor inicia a conversa sobre o processo de se tornar poeta. Essa descoberta fez ele perceber que ser poeta não é apenas escrever, mas é viver a poesia. Nesse processo de se tornar poeta Igor sente muita vontade de ajudar as pessoas, mais precisamente os jovens e crianças de seu bairro, tentando por meio da poesia afastá-los do “caminho predestinado a eles, por exemplo, o tráfico de drogas”, como afirmou.

Matheus diz que para ser poeta é preciso “enxergar o mundo de uma forma que ninguém enxerga”, olhando para os cenários sociais, criando reflexões e críticas e escrevendo elas. Já Fernando afirma ser escritor, pois não escreve somente poesia e revela que esse processo de se entender como escritor se iniciou na final do *Slam ES* (campeonato estadual de poesia falada do Espírito Santo), ao recitar sua poesia que, a cada verso, causava-lhe arrepios com a reação ovacionada da plateia. Fernando ainda assegura:

“Eu escrevo vidas e, a partir do momento que eu vejo as pessoas reagindo ao que eu escrevo, eu vejo que as coisas que eu passo, que eu penso, que eu vejo, não é só eu [...]. Quando eu percebi e entendi que eu escrevo vidas, foi quando eu me tornei escritor, poeta e outros sinônimos”. (FERNANDO, 2019)

Eliza afirma que sempre gostou de escrever e que a escrita sempre esteve presente em sua vida, porém a identificação como escritora veio ao final do ensino médio, quando escreveu uma poesia que denominou de “Vazio da alma”. Eliza criou essa poesia depois de uma tristeza profunda por algo que uma amiga próxima lhe fez - algo que prejudicou a vida da mesma. Eliza assegura ainda que esta é sua poesia favorita e foi a primeira que teve coragem de mostrar para alguém, tendo recebido alguns elogios e críticas, afirmando que: “Dali pra frente foi quando eu comecei a me reconhecer como escritora”.

Percebe-se que existe uma relação entre os discursos de Igor e Fernando, pois eles se entendem como poetas há algum tempo. Algo provocou uma mudança de perspectiva neles, o que fez com que percebessem o real sentido do que realizam. Ao ressignificar o seu ofício eles compre-

enderam que não são poetas apenas no sentido de saber escrever, mas também porque escolheram ser poetas.

4.4 SOBRE TRÁFICO E VIOLÊNCIA

Um dos maiores causadores de violência urbana é a comercialização de substâncias psicoativas ilícitas e a guerra que o Estado opera contra esse tráfico. Tal comercialização ganha forma varejista que se instala predominantemente em áreas pobres de grandes centros urbanos, empregando muitos jovens e adolescentes de baixa renda. Essa comercialização varejista é culturalmente conhecida como tráfico de drogas que por sua vez ganha força através de armamento ilegal reforçando assim a violência. Malvasi (2012) diz que:

“O tráfico de drogas é reconhecido pela Saúde Pública como um dos principais fatores de risco e de vulnerabilidade a que os jovens brasileiros são expostos desde, pelo menos, a década de 1980” (p. 05)

Sendo um grande fator de risco, por que os jovens recorreriam ao tráfico de drogas? Este espaço é visto de forma mais ampla a partir da realidade dos moradores que vivem em locais onde essa comercialização acontece. Malvasi (2012, p 17) afirma ainda que: “(...) o tráfico de drogas é um importante agente econômico para jovens moradores de regiões periféricas” e que por sua vez faz sobressair as necessidades financeiras supridas por esta comercialização em regiões socialmente vulneráveis. O tráfico também pode ser visto por eles como um lugar de destaque, ganhando assim: respeito, temor e visibilidade na periferia.

Tendo em vista que os entrevistados moram em regiões historicamente periféricas decidimos perguntar: Por que escolheram a expressão artística (poesia) e não o tráfico. Fernando afirmou que:

“Estar na poesia não significa estar fora da criminalidade [...]. Conheço pessoas que fazem poesia e, ao mesmo tempo, vendem drogas”. (FERNANDO, 2019)

Direta ou indiretamente, três deles alegaram já ter se envolvido com o tráfico de drogas e não permaneceram no tráfico por desejarem mudar o mundo e ser exemplo para os demais da

comunidade, segundo ponderou Igor:

“[...] eu vou continuar fumando um beck? Eu vou mudar o mundo ‘tano’ na merda? Fazendo errado no mundo?” (IGOR, 2019)

Uma razão apontada por Thomas que o conduziu ao caminho da poesia e não ao do tráfico de drogas, reside simplesmente no entendimento de que não era o que ele realmente queria na vida dele:

“Mas eu entendi que não era na verdade o que eu queria para mim. Não que não seja minha realidade, mas não era o que eu queria para mim”. (THOMAS, 2019)

Vê-se que a rotina do tráfico faz parte da vida desses jovens desde criança. Thomas afirma ver gente armada, vendendo drogas e, até mesmo, policiais procurando drogas no quintal de sua casa e diz ser difícil ter um olhar diferente sobre as coisas que vê:

“Para a gente tentar ter outra noção, tentar ter outro olhar sobre isso e tentar mudar isso tem que lutar muito contra a gente mesmo. Porque a gente é favelado, a gente não tem tanta perspectiva de vida. [...] queria ter dinheiro, aí pô, o meio mais rápido de a gente conseguir é o tráfico”. (THOMAS, 2019)

As rotinas do tráfico presente na vida desses jovens podem atravessar diretamente suas perspectivas. O filme *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, demonstra que a presença do traficante é comum para os moradores de regiões periféricas, as crianças e jovens muitas vezes se iludem com a utopia de dinheiro, fama e poder gerado por este movimento e que crescem se espelhando no traficante, almejando seguir seu exemplo. O pouco acesso à educação de qualidade, saúde, saneamento básico, entre outras coisas, pode levá-los a acreditar que esta é a melhor forma de melhorar sua situação financeira.

Fernando afirmou compreender que entrar no tráfico não ajudaria seus amigos que já estão lá, bem como não desejar vê-los morrer:

“Na minha cabeça, eu poderia fazer alguma coisa para influenciar outro caminho para eles. E por que eu não entrei nisso? É porque tem amigos que “tá”, não porque morrem ou porque é ilegal não. Para mim aquilo não vai ajudar ele e eu não quero ver mais um amigo morrer, então eu estar ali no meio não vai adiantar muita coisa”. (FERNANDO, 2019)

Fernando reforça em sua fala que o tráfico é para os jovens de periferia um trampolim para

melhorar da situação financeira. Fernando percebeu que o tráfico não o ajudaria em seus objetivos e que não ajuda e nem ajudou seus amigos, por este motivo deseja mostrar que existe outro caminho, quer ser referência para seus amigos de bairro envolvidos no tráfico de drogas, fugindo da dualidade de ser “polícia ou ladrão”, “herói ou vilão”. Ser traficante também é correr riscos, riscos de ser preso ou morto por uma facção rival e nesse contexto ter dinheiro não seria uma redundância? Ter dinheiro e ser um fugitivo, com risco de ser preso, e viver escondido soa deveras contraditório, visto que isso não ajuda, automaticamente, a usufruir de seu trabalho.

A fala de Fernando mostra que a poesia, muitas vezes, não é um fator protetivo quando relacionado ao tráfico de drogas. Uma pessoa não necessariamente se inspiraria na poesia para evitar essa determinada situação; no entanto, acreditamos que a poesia pode ganhar mais força quando relacionada com fatores familiares.

Outro ponto a ser citado aqui é a fala de Thomas, quando diz que o tráfico faz parte da realidade dele. Essa fala nos estimula a pensar se esses jovens enxergam determinadas situações como “normais”, simplesmente por vê-las com frequência. Em seu discurso, por exemplo, Matheus aponta que:

“Mesmo que a gente não esteja, todo mundo tem amigos que já traficou ou trafica, que cresceu com você, que você sabe que o cara é muito bom; você sabe que o cara “tá” traficando porque passava fome dentro de casa, ou sei lá, não tinha roupa”. (MATHEUS, 2019)

Ainda afirma ter um amigo que morava com a avó pelo fato de o pai ter sido assassinado por envolvimento com o tráfico de drogas e a mãe morar longe. Também diz que esse menino sofria dificuldades financeiras e, depois de procurar estágio por ser menor de idade e não conseguir, entrou para o tráfico. “É muito difícil a gente deixar de ser amigo dessa pessoa depois que ela entra no tráfico, sabe?” (MATHEUS, 2019)

Essas falas mostram a realidade de muitos jovens que se envolvem com o tráfico, e outros negócios ilícitos, como forma de sobrevivência. A falta de oportunidades para uma formação de

qualidade dificulta o acesso a empregos. As falas nos convidam à reflexão acerca das oportunidades de vida das diferentes juventudes brasileiras e, em especial, os jovens da periferia.

Matheus ainda diz que há alguns anos atrás os traficantes de seu bairro faziam festas para as crianças em datas comemorativas, dando algodão doce e pipoca, além de alugar pula-pula para elas. Ainda afirma ter tido uma experiência ruim com a polícia quando criança. Para ele, essa situação é um paradoxo já que isso pode confundir a mente de uma criança. Sobre isso ele alega:

“Hoje eu fico querendo imaginar, comparar, como é que eu vou entender quem é o herói, quem é o bandido, quando a polícia entra lá em casa e faz bagunça, e quando traficantes do meu bairro dão algodão doce de graça?” (MATHEUS, 2019)

Thomas complementa dizendo:

“A gente nunca sabe quem é o herói, essa ideia fica deturpada para nós. Só que é questão de a gente ter a experiência e reverter a nossa realidade, tentar ter um outro olhar daquilo que é real”. (THOMAS, 2019)

As falas de Thomas e Matheus evidenciam a complexidade da favela. Nesse sentido, Mesquita Neto (1999, p. 131) afirma que os “[...] casos de violência policial alimentam um sentimento de descontrole e insegurança [...]”, o que pode fazer com que as crianças tenham medo da polícia e não consigam identificá-la como um agente para a sua segurança. Mostrando a dualidade da ação policial, que pode ser vista como protetora em bairros nobres e também vista como vilã em bairros periféricos.

4.5 SOBRE VULNERABILIDADE SOCIAL

Anteriormente citei que a vulnerabilidade social pode ser traduzida como um conjunto de possíveis prejuízos causados a pessoas submetidas a ela. Decidi perguntar aos participantes da roda de conversa se, em algum momento de suas vidas, sentiram-se socialmente prejudicados. Matheus, Igor e Thomas disseram que muitas vezes deixaram de ir à escola por causa de trocas de tiro na comunidade ou não conseguiram chegar em casa pelo mesmo motivo. Matheus lembrou que os professores deixavam a escola, até a metade do ano letivo ou mesmo no início das aulas por

medo dos tiroteios:

“Acho que a gente já passou por tanta coisa que prejudica a gente que a gente nem percebe, por achar que é tão normal”. (MATHEUS, 2019)

Nesse instante, confirma-se a naturalização da violência social em que vive uma parcela da juventude. Essa violência se dá de forma tão estrutural que é difícil visualizar possibilidades de mudança. Uma sociedade que banalizou a violência contra a sua juventude está claramente enferma.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012), sobre alunos do ensino fundamental, revelaram que 18% dos alunos brasileiros estudam em áreas de vulnerabilidade social. As escolas catalogadas apresentam alguns dos piores resultados das redes municipais, como por exemplo, o maior número de evasão escolar. Muitos alunos deixaram de ir à aula por temerem episódios violentos no percurso ou mesmo dentro da escola (SOUZA; SOARES; FREITAS, 2019). Nesse sentido, a exclusão se potencializa, somando-se a todos os demais elementos dificultadores de acesso à educação.

Eliza por sua vez, afirmou que se sentiu prejudicada quando tentou ingressar no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Ela disse que havia questões no processo seletivo das quais ela nunca tinha ouvido falar, como assuntos ensinados no ensino fundamental, mas que ela só chegou a estudar no ensino médio, dificultando assim a possibilidade de ingresso:

“[...] quando eu saí da prova do Ifes, tinha uma questão que eu nunca tinha visto na minha vida que é de interseções [Matemática]... Interseções eu vi no ensino médio e aquilo estava numa prova de fundamental onde as pessoas de uma escola privada vão aprender no 7º, 8º ano”. (ELIZA, 2020)

Ela ainda ressalta que:

“Você não aprende o suficiente no ensino médio, para entrar numa faculdade, se você é pobre”.

Percebe-se nas falas dos entrevistados que a educação é um dos aspectos mais prejudicados na vida de pessoas em situação de vulnerabilidade. Também se evidencia, em alguns casos, a

violência e a falta de segurança dos bairros e, em outros, a falta de qualidade de ensino de algumas escolas públicas.

Eliza afirmou que já se sentiu muito prejudicada ao sofrer racismo enquanto trabalhava numa loja e, ao mesmo tempo, estudava na UFES. Também comentou que, no mesmo período, um de seus professores falou que ela teria de optar pela faculdade ou pelo trabalho e que não haveria como se formar fazendo os dois:

“[...] Outra coisa que me deixa ‘emputecida’ é o professor da UFES que no início do ano fala que a universidade precisa ser apra todos, ‘a universidade ‘tá’ cheia de pretos e isso é importante’, mas no final do ano me fala ‘você não pode estudar e trabalhar. Ou você só estuda ou você não vai terminar o seu curso’. Como é que ele fala isso para uma pessoa em vulnerabilidade? Ele pode simplesmente estragar o futuro de uma pessoa”. (ELIZA, 2020)

Essa fala demonstra que apesar de ter conseguido chegar à universidade federal, as pessoas em vulnerabilidade encontram dificuldades para se manter e, além disso, há falta de compreensão de vários professores em relação às vulnerabilidades sociais e necessidades de alunos nesta situação.

4.6 DIREITOS

Direito é um conjunto de diretrizes de um Estado, que garantem a cidadania de um povo e tais direitos podem envolver: moradia, estudos, lazer, participação política, alimentação, entre outros¹. Quando falamos sobre direitos, as seguintes falas chamam atenção para a falta de infor-

¹ Da Silva (2009) complementa isso ao dizer que a Constituição Federativa do Brasil de 1988, trouxe em seu Título II, os Direitos e Garantias Fundamentais, subdivididos em cinco capítulos:

A - Direitos individuais e coletivos: são os direitos ligados ao conceito de pessoa humana e à sua personalidade, tais como à vida, à igualdade, à dignidade, à segurança, à honra, à liberdade e à propriedade. Estão previstos no artigo 5º e seus incisos;

B - Direitos sociais: o Estado Social de Direito deve garantir as liberdades positivas aos indivíduos. Esses direitos são referentes à educação, saúde, trabalho, previdência social, lazer, segurança, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados. Sua finalidade é a melhoria das condições de vida dos menos favorecidos, concretizando assim, a igualdade social. Estão elencados a partir do artigo 6º;

C - Direitos de nacionalidade: nacionalidade, significa, o vínculo jurídico político que liga um indivíduo a um certo e determinado Estado, fazendo com que este indivíduo se torne um componente do povo, capacitando-o a exigir sua proteção e em contra partida, o Estado sujeita-o a cumprir deveres impostos a todos;

D - Direitos políticos: permitem ao indivíduo, através de direitos públicos subjetivos, exercer sua cidadania, partici-

mação que se tem sobre os direitos anteriormente citados, como a ideia de que precisa ter dinheiro pra ter direitos:

“Matheus: Eu acho que direito é uma coisa que a gente não tem né, ou nem sabe que tem direito”. (MATHEUS, 2019)

Igor diz que sentiu seus direitos violados em casos como saúde e segurança e ainda ressalta:

“[...] quem tem direito é quem tem dinheiro”. (IGOR, 2019)

Já Eliza ressalta o seguinte:

[...] por muito tempo eu não sabia quais eram os meus direitos. Então, é muito difícil saber que seus direitos estão sendo violados quando você não sabe que tem direitos” (ELIZA, 2020)

Eliza ainda afirmou que seu direito a uma educação de qualidade foi violado no passado e isso a prejudica ainda hoje:

“Eu tinha um direito lá atrás que foi violado e que hoje isso me prejudica”. (ELIZA, 2020)

Thomas declara “[...] acho que direito é uma coisa que a gente não tem né, ou nem sabe que tem direito”, Matheus e Eliza reforçam que a falta de acesso à informação tende a levar as pessoas em situação de vulnerabilidade a não conhecerem seus direitos e até acreditarem que não o tem. Conseqüentemente isso pode mantê-los paralisados, aprisionados a uma realidade injusta, que não os impulsiona a lutar por seus direitos, por acreditarem que não tem direito a ter direito.

4.7 SOBRE RESILIÊNCIA

Ao longo das conversas com os interlocutores da pesquisa percebi o quanto eles citavam a família como um fator de resiliência, primordialmente suas mães. Apesar de muitas discordâncias, todos eles afirmam ouvir muito os conselhos maternos, sem perder a autonomia sobre suas vidas.

Fernando, por exemplo, alega não ouvir sua mãe quando o assunto está relacionado somen-

pando de forma ativa dos negócios políticos do Estado. Esta elencado no artigo 14;

E - Direitos relacionados à existência, organização e a participação em partidos políticos: garante a autonomia e a liberdade plena dos partidos políticos como instrumentos necessários e importantes na preservação do Estado democrático de Direito. Esta elencado no artigo 17.

te com sua vida e seu futuro:

“Minha mãe quer que eu pare de fazer poesia e para ela eu só vou ser alguém se eu cortar o cabelo, entrar para igreja, virar porteiro ou algo do tipo e fazer faculdade”. (FERNANDO, 2019)

Afirmou ainda que não deixará de fazer algo que gosta, se isso não causar problemas a seus pais ou qualquer outra pessoa querida, sendo ele o único responsável por suas consequências. Mesmo com seu posicionamento, Fernando demonstra compreender a preocupação das mães no que diz respeito a vida dos seus filhos:

“Eu não culpo as mães por pensarem assim, porque a mãe sempre vai querer o melhor para o filho. Para ela o melhor é ter uma garantia de uma estabilidade financeira, e na cabeça dela, ter faculdade é isso [...], ela compra a ideia do senso comum que, para você ser alguém, precisa ter faculdade. A gente entende o que é melhor para nós, mas também entende o que a mãe pensa”. (FERNANDO, 2019)

Matheus complementa apontando que é “[...] difícil escutar a mãe quando ela quer interferir um pouco na nossa vida, numa coisa mais pessoal, numa coisa que a gente gosta”, corroborando assim com a fala de Fernando e o entendimento da desejada autonomia sobre sua própria vida.

Quando perguntados qual a fonte de resiliência da vida deles, os interlocutores indicaram, unanimemente, as suas mães. Ainda que conheçam e/ou convivam com o pai, a referência de resiliência continua sendo somente a mãe e não o pai para todos eles. Mostrando a importância da mãe na sua vida,

Para (DE SOUSA & SARMENTO, 2010) as famílias têm responsabilidades de proteção, socialização e educação dos seus descendentes, características e funções que, embora em diferentes graus de efetividade, se mantêm em todos os modelos familiares e é a primeira referência na vida de uma criança. O contexto de responsabilidade familiar está totalmente atrelado à resiliência, visto que as responsabilidades maternas e familiares os levaram a admirar suas mães e atribuir a elas o sucesso de suas realizações. Apesar de não concordarem sempre com o posicionamento de seus pais, ainda são a primeira referência, a ideia de força e responsabilidade passadas em suas

famílias ganharam força no discurso e na vida desses jovens.

A força da família é perceptivelmente passada na fala de Igor:

“O pessoal fala: “quando eu crescer eu quero ser homem igual meu pai”, mas eu não, quando eu crescer, eu quero ser “mulher” igual minha mãe²”. (IGOR, 2019)

A referência que Igor encontra em sua mãe demonstra um simbolismo muito alto que as mães têm na vida dos entrevistados, Igor mesmo sendo homem, tem sua identificação maior com uma mulher, declarando o grande espelho que ela se tornou para ele.

Matheus reafirma o mesmo dizendo:

“Eu só tento copiar o que ela é, porque se eu conseguir ser 10%, tá ótimo já”. (MATHEUS 2019)

Thomas conta que mostra suas composições para a mãe e, que se não fosse ela, não escreveria. Fernando atribui a sua resiliência à mãe e aos amigos, dizendo que são a sua raiz. O importante protagonismo da figura materna, na vida dos jovens da periferia e, em muitos casos, em famílias monoparentais, revela a importância da mãe e do exemplo a inspirar condutas e pensamentos.

Eliza conta que sua mãe lhe deu um apoio sem medidas e por isso atribuía-lhe a resiliência, além de dizer que sua fé também a ajudou muito neste processo. Eliza ainda faz uma observação sobre a diferença entre o homem e a mulher na sociedade, demonstrando que ser mulher, infelizmente, dificulta a busca e compreensão de direitos. Citando como exemplo o seu pai, simplesmente por ser homem, ela afirma que ele tinha uma maior facilidade em algumas questões, como conseguir um emprego. Ela finaliza dizendo: “O homem, de um modo geral, ele tem maior possibilidade de desistir, porque ele não teve que lutar tanto pra poder conquistar o que uma mulher conquistou”.

CONCLUSÃO

² A referência de Igor é uma mulher como a sua mãe. Acredito que isso seja bem simbólico já que estamos falando de um poeta, que preza pela liberdade de criação. Acredito que ele quis dizer que as referências que os homens de sua idade esperam são encontradas na figura do pai, mas ele encontrou isso na sua mãe e por isso, quer “ser mulher” como ela. Ouvi por sua vez uma frase semelhante: “se um dia eu for metade do homem que minha mãe foi, serei um grande homem”.

A partir da análise e discussão dos dados percebe-se que a poesia, sozinha não pode ser considerada um fator protetivo contra as vulnerabilidades sociais na vida destes jovens, já que um de nossos participantes afirmou que estar na poesia, não necessariamente significa estar longe de atividades ilegais como o tráfico de drogas. Porém a poesia contribui diretamente no empoderamento desses jovens, os tornando agente de mudança de sua realidade e muitas vezes demonstram e querem ser ativos para essa transformação social, que por sua vez permite que eles tenham uma consciência crítica da realidade ampliando assim suas visões sobre o ambiente em que vivem.

Quando relacionamos formação e ensino superior, percebemos fortes opiniões por parte dos jovens, nas quais se evidenciam sua autonomia em relação a suas perspectivas futuras. Porém, ainda vale questionar se a decisão de não ingressar no ensino superior também está atrelada à falta de informação que tiveram ao longo de suas vidas sobre o ensino público ou, até mesmo, por acreditarem de forma velada que eles não têm direito ao acesso.

Em relação à vulnerabilidade e direitos percebo que, muitas vezes, eles se sentiram prejudicados em algum momento de suas vidas por não entenderem os direitos que possuem ou não saber da existência deles, como o fato marcante de que alguns dos participantes da pesquisa, até pouco tempo, não sabiam que a UFES é uma instituição pública. Considero isso uma questão que evidencia a desinformação na vida desses jovens, que é sustentada, em parte, pelas instituições de ensino pelas quais passaram ao longo de sua vida escolar.

Ao longo da entrevista Eliza demonstra um pouco do que é ser mulher em meio às vulnerabilidades e, além disso, em meio a uma sociedade machista, mostrando que existem dificuldades sofridas pelas mulheres que os homens não sofrem, sendo agravantes para sua formação, o que pode levar-nos a pensar sobre a resiliência materna e refletir mais sobre o papel importante das mães. Ressalto que a resiliência dos jovens participantes foi unanimemente atribuída às mães, o que nos faz presumir que o maior fator de proteção contra as vulnerabilidades, na vida desses jovens, é a família, especificamente, a figura materna. Compreendo que mesmo com a presença do

pai, a mãe continua sendo evidenciada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelle. **Marginalização** (Infoescola). Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/marginalizacao>> Acesso em: 11 de julho de 2019.

ABRAMOVAY, M. et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002. 192 p. Disponível em <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-40313/juventude-violencia-e-vulnerabilidade-social-na-america-latina--desafios-para-politicas-publicas--juventud-violencia-y-vulnerabilidad-social-en-a-latina--desafios-para-politicas-publicas>>. Acesso em 23/10/2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de psicologia**, Natal [online], 2002, vol.7, n.2, pp.227-235.

CALAIS, L. B.; GOULART, N. P. Comunidades, juventudes e vulnerabilidades: enfrentamentos possíveis. **Revista psique**, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 63-77, jan./jun. 2017. Disponível em <<file:///C:/Users/Gabi/Downloads/2017-ArtigoComunidade.pdf>> Acesso em: 05/04/2019.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 1-14, mar.2018.

CASTELLANOS, L. M.; PINZÓN, I. D. C. **Habilidades para la Vida**: Manual para aprenderlas y enseñarlas. 2. ed. Edex, 2007, 240 p.

DA SILVA, Virgílio Afonso. Direitos fundamentais. **Conteúdo essencial, restrições e**, 2009.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o poetry Slam entra em cena. **Synergies Brésil**, 2011, n. 9, p. 119-126. Disponível em <<https://www.gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>> Acesso em: 30/08/2019.

DE SOUSA, Maria Martins; SARMENTO, Teresa. Escola-família-comunidade: uma relação para o sucesso educativo. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 17-18, p. 141-156, 2010.

FIGUEIRÊDO, A. A. F.; QUEIROZ, T. N. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 – DESAFIOS ATUAIS DO FEMINISMO, 2012, Florianópolis. **Anais**.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

JANCZURA, Rosane. “Risco ou vulnerabilidade social?” **Textos & Contextos (Porto Alegre)** 11.2 (2012): 301-308.

MALVASI, Paulo Artur. **Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e vio-**

lência em São Paulo. **São Paulo**, 2012.

SARMENTO, Daniel. Direito Constitucional e Igualdade Étnico-racial. In: SOUZA, Douglas Martins; PIOVESAN, Flávia (Coord.). *Ordem jurídica e igualdade étnicoracial*. Brasília: SEPPPIR, 2006. p. 59-108.

Eletrônicos Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373241127_A_RQUIVO_AUTILIZACAODERODASDECONVERSACOMOMETODOLOGIAQUE_POSSIBILITAODIALOGO.pdf>. Acesso em: 05/07/2019.

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75.

MESQUITA NETO, P. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. In: PANDOLFI, D et al. (Orgs.) **Cidadania, justiça e violência**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.130-148. Disponível em <<https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/01/down152.pdf>> Acesso em: 25/07/2020.

NETTO, J. P. Desigualdade, pobreza e serviço social. **Revista em Pauta** – Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 19 (2007): 135-170.

PRESTES, E. M. T. ; JEZINE, E.; SCOCUGLIA, A. C. Democratização do ensino superior brasileiro: o caso da Universidade Federal da Paraíba. **Revista Lusófona de Educação**, v. 21, n. 21, p. 199-218, 2012. Disponível em <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3088>> Acesso em: 23/04/2020.

ROCHA, C. L. A. O princípio da dignidade da pessoa humana e a exclusão social. **Jurisprudência Catarinense**, Florianópolis, v. 35, n. 117, abr./jun. 2009. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/79135829.pdf>> Acesso em: 04/06/2020.

RODRIGUES, E. V. et al. A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v.9, 1999, p. 63-101. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8578/2/1468.pdf>> Acesso em: 28/06/2020

SOUZA, M. S.; SOARES, A. B.; FREITAS, C. P. P. Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para alunos em situação de vulnerabilidade social. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 21, n. 3, 2019, p. 135-158. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v21n3/pt_v21n3a05.pdf>. Acesso em: 06/08/2019

SPOSATI, A. **Exclusão social abaixo da linha do Equador**. São Paulo: Educ, 1999. p. 128-133. Disponível em <<http://www.seuvizinhoestrangeiro.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/exclusao.pdf>>. Acesso em: 07/03/2019.

STELLA, M. G. P. A Batalha da Poesia: o slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe** [online] - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 17, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287967499_A_Batalha_da_Po>

esia - O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em Sao Paulo>Acesso em:04/09/2019.

VITÓRIA, Prefeitura Municipal de. **Vitória em Dados**. Vitória, 2010. Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/Censo_2010/mapas_renda.asp>Acesso em: 05/09/2020.

WHO — WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Life skills education for children and adolescents in schools*: introduction and guidelines to facilitate the development and implementation of life skills programmes. Geneva: WHO, 1997.

ABREU, Fernando. Entrevista I. [set. 2019]. Entrevistador: Tiago Marinho, Gelsimar Marchado, Liana Romera. Vitória, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.).

OLIVEIRA, Matheus. Entrevista I. [set. 2019]. Entrevistador: Tiago Marinho, Gelsimar Marchado, Liana Romera. Vitória, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.).

MATTOS, Igor. Entrevista I. [set. 2019]. Entrevistador: Tiago Marinho, Gelsimar Marchado, Liana Romera. Vitória, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.).

MATTOS, Thomas. Entrevista I. [set. 2019]. Entrevistador: Tiago Marinho, Gelsimar Marchado, Liana Romera. Vitória, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.).

DE SOUZA Eliza. Entrevista II. [set. 2019]. Entrevistador: Tiago Marinho, Gelsimar Marchado, Liana Romera. Vitória, 2019. 1 arquivo .mp3 (62 min.).